



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8070 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

O ensino de filosofias africanas e afrodiáspóricas com estudantes da educação básica e pós-graduação

Aline Cristina Oliveira do Carmo - Colégio Pedro II

O ENSINO DE FILOSOFIAS AFRICANAS E AFRODIÁSPÓRICAS COM ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E PÓS-GRADUAÇÃO

Introdução

Pretendo compartilhar neste trabalho algumas reflexões sobre a experiência do ensino da disciplina de filosofias africanas, afrodiáspóricas e decoloniais em um curso de pós-graduação lato sensu, destinado à educação das relações étnico-raciais no ensino básico, bem como em um projeto de iniciação científica júnior (PICJr), com o mesmo nome da disciplina, desenvolvido com estudantes do ensino médio, nos anos de 2018 e 2019. A experiência, desenvolvida através de encontros presenciais e diálogo sobre trabalhos escritos e orais, demonstrou a necessidade de aprofundamento do estudo dessa disciplina, tanto nos cursos de licenciatura, destinados à formação de professores, quanto nas pós-graduações e educação básica. Destaco brevemente, neste trabalho, alguns textos e discussões que foram desenvolvidos na disciplina e no PICJr, que revelaram a amplitude e profundidade dos conteúdos presentes nos estudos das filosofias trabalhadas, bem como a sensibilidade das questões tratadas, tais como os impactos subjetivos e materiais da colonização em nosso processo formativo e os inúmeros afetos despertados pelo contato com produções de autores africanos e afrodiáspóricos.

Método utilizado

O método utilizado na disciplina de pós-graduação e na pesquisa com estudantes do ensino médio consistiu na realização de encontros presenciais semanais durante dois meses (no caso da especialização) e quatro meses (no caso do PICJr). Nos encontros, ocorreram atividades tais como: exibição de vídeos, leitura e discussão de textos, bem como apresentação de trabalhos orais e escritos, em diferentes formatos apresentados pelas/os participantes, além de, no caso da pós-graduação, uma aula especial com a participação de uma liderança quilombola, em que compartilhou sua experiência e modo de vida em seu território tradicional. Além dessas atividades, na pesquisa em 2019 ocorreu a prática de um antigo jogo de tabuleiro. As diferentes linguagens e abordagens adotadas, tanto nas aulas como no método avaliativo, tiveram por objetivo expressar um elemento fundamental das filosofias africanas e afrodiáspóricas, consistente na necessidade de superação de uma abordagem estanque ou unidirecional dos conteúdos programáticos, a fim de que seus vínculos com a vida e com os processos formativos (em sentido amplo) dos próprios

estudantes não fossem perdidos.

Discussão articulada aos referenciais bibliográficos:

Azoilda Trindade (2013), ao defender a presença dos valores civilizatórios afro-brasileiros na educação, evidencia a possibilidade de uma educação para as relações étnico-raciais na qual a corporalidade, a oralidade, a memória e a ancestralidade, dentre outros valores, desempenham um papel fundamental.

No que tange à corporalidade, esse valor se expressou como dotado de especial importância para o desenvolvimento do projeto de pesquisa com estudantes do ensino médio em 2018. Através da leitura de Diop (2010) sobre a origem dos antigos egípcios, em que o autor evidencia a valorização por parte dos povos de Kemet de seus traços físicos, os e as estudantes passaram também a valorizar traços de seus corpos que remetem à sua ancestralidade africana. Particularmente com relação ao cabelo, dos quatro estudantes bolsistas participantes, três optaram ao longo da pesquisa por resgatar seus cabelos naturais, passando a apreciá-los. Além disso, a pesquisa possibilitou igualmente uma nova compreensão sobre o sentido de ancestralidade para esses estudantes, de forma a compreenderem suas histórias para além dos marcadores de sofrimento ou da experiência da escravização.

A ancestralidade também se expressou em diálogo com a ludicidade na pesquisa realizada no ano de 2019, quando o ponto de partida foi a prática do *Senet*, artefato africano de tabuleiro, através do qual foram discutidas as noções de vida, morte e alma, do ponto de vista da filosofia kemética. Através da prática do jogo, as/os estudantes compreenderam a importância de pensarmos essas questões para além da perspectiva ocidental sobre a finitude e o individualismo, na medida em que as noções de continuidade e coletividade foram evidenciadas como valores de base africana que compõem a noção de ancestralidade - sendo, portanto, indicadores relevantes para pensarmos nossos processos de resistência ao longo da história e na contemporaneidade.

Na disciplina realizada na pós-graduação em 2019 os valores civilizatórios afro-brasileiros ganharam destaque através de uma vivência de contação de história proposta por um grupo de pós-graduandas, em que a musicalidade, a oralidade e a memória foram canais para a demonstração da história de uma princesa africana que deixou seu legado não só de luta, como também de dança e canto, em um território quilombola. A musicalidade e memória também se expressaram nessa disciplina com a presença de Daniel de Souza, liderança quilombola do oeste paraense, que contou a história de resistência de sua comunidade através de uma música de seus membros, na qual evidencia a relação de identidade dos mesmos com elementos da natureza, em especial, uma cachoeira da região.

Em 2018, uma das leituras que teve destaque na disciplina de pós-graduação foi a de Sueli Carneiro (2005), em que a autora entrevista intelectuais negras/os que contam sua trajetória pela educação. Através dessa leitura, participantes da disciplina revisitaram sua infância, adolescência e percurso formativo, evidenciando que o contato com as produções de autorias negras possui um papel importante na resignificação de suas histórias pessoais e compreensão de nosso papel enquanto professoras/es negras/os na educação.

Resultados e conclusões:

As experiências revelaram, de um lado, a existência de uma grande lacuna em nosso processo formativo quanto ao conteúdo de filosofias africanas, afrodiaspóricas e decoloniais e, do outro, a existência de uma extensa bibliografia a respeito, que exige a realização de encontros mais frequentes e aprofundados para sua compreensão. Além disso, revelaram a

importância de um trabalho educativo que aborde diferentes linguagens, explorando mais nossas habilidades e sentidos corporais, a oralidade, músicas e a produção de imagens. No caso da pós-graduação, houve o desafio do ensino noturno com professores já sobrecarregados em seus cotidianos. No entanto, ainda assim, os impactos observados na revisão da história pessoal das e dos pós-graduandas/os e estudantes do ensino médio evidenciaram a importância desse estudo para a compreensão de suas próprias experiências formativas e superação do auto-ódio, além de contribuir para a formação de sujeitos antirracistas e ampliação do acesso ao conhecimento filosófico africano.

Palavras-chave: Filosofias africanas. Educação básica. Pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese de doutorado em Educação junto à área de Filosofia da Educação. São Paulo: USP, 2005.
- DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (editor). *História Geral da África II – África Antiga*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 1-36.
- MALOMALO, Bas'llele. Decolonialidade africana/negra: uma crítica pan-africana construtiva. *Revista de Humanidades e Letras*. Vol. 5, nº2, 2019, p.115-140. Disponível em <http://filosofiapop.com.br/www.capoeirahumanidadeseletras.com.br/ojs-2.4.5/index.php/capoeira/article/download/211/206>. Acesso em 14.09.2020.
- MACHADO, Adilbênia F., & PETIT, Sandra H. Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o pertencimento. *Revista Exitus*, 10(1), 2020, p.1-31. Disponível em <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2020v10n1ID882> . Acesso em 15.09.2020.
- TRINDADE, Azoilda Loretto da. “Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil”. In: ____ (org.). *Africanidades brasileiras e educação. Salto para o futuro*. Rio de Janeiro/Brasília: ACERP, TV Escola/MEC, 2013, pp.131-138.